

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
DISCIPLINA: HISTÓRIA DO PODER E IDÉIAS POLÍTICAS NA AMÉRICA COLONIAL  
PROFESSORA: REGINA CELESTINO  
ALUNOS: CARLOS ROBERTO, EVANDRO MACHADO E FRANCISCO ALMADA

## **A EXPULSÃO E DISSOLUÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS<sup>1</sup>**

(seminário)

Não abordaremos aqui toda a história da Companhia de Jesus, tema já visto no curso. Todavia, é sempre pertinente salientar que a compreensão mais adequada de qualquer fenômeno social só pode ser atingida quando o entendemos como parte de um processo histórico.

Tentaremos descrever a conjuntura da época na qual se deu a expulsão (segunda metade do século XVIII), o que talvez nos possibilite compreender, olhando para trás, as *causas estruturais* que teriam transformado a Companhia de Jesus num obstáculo para os projetos políticos e econômicos dos Estados Nacionais europeus, em inimiga mortal dos reformistas luteranos e calvinistas, em adversária de outras ordens religiosas e do clero secular, além de equivocadamente, como veremos, ser compreendida como uma instituição defensora de concepções conservadoras, em oposição ao Iluminismo corrente.

Destacamos cinco questões no presente trabalho:

- 1 - A Companhia de Jesus era movida sobretudo pelo espírito cruzadista e contra-reformista?
- 2 - Haveria, desde o início de sua fundação, contradições profundas entre os projetos mercantilistas dos Estados modernos e os da Companhia, contradição que estaria na base da explicação dos motivos reais de sua extinção?
- 3 - Quais seriam as outras fontes de ódio sobre ela?
- 4 - Por que a Companhia, parte integrante da Igreja Católica, teria sido sacrificada pelo Papa como talvez um mal menor do conflito Igreja versus Estado, e não uma outra ordem religiosa qualquer? Seria, a sua extinção, fruto da derrota da Igreja em suas pretensões de retomar o controle político europeu já há muito perdido, ou estaria a Companhia de Jesus portando projetos políticos inaceitáveis pela Igreja Católica?
- 5 - Seriam os jesuítas também iluministas?

Daremos voz aos textos lidos pelo grupo para que provoquem reflexões e debates no seminário.

### **A COMPANHIA DE JESUS, O ESPÍRITO DE CRUZADA E A CONTRA-REFORMA**

*“Nas cartas que Francisco [Xavier] escreve a partir de 1548 aos seus companheiros de Roma e ao rei de Portugal, desenha-se pouco a pouco a recusa de uma relação unilateral entre o benfeitor e um rebanho passivo arrancado ao sofrimento por um ritual indistinto, o papel de distribuidor automático de bilhetes para o céu. Acabou por recusar um mecanismo cujos objetivos sagrados não resgatam o que ele tem de discriminatório, para não dizer de*

---

<sup>1</sup> A Companhia de Jesus foi fundada em 1540 e extinta em 1773 pelo papa Clemente XIV. Voltou a existir em 1814. Foi expulsa do Brasil em 1754, de Portugal em 1759, da França em 1764, da Espanha e de suas missões na América em 1767, de Parma em 1768.

*desdenhoso. O orgulho da fé... O que ele espera, afinal, é a intervenção – a dupla intervenção – da inteligência humana na sua missão.*

*E se optou por distinguir, na epopéia apostólica deste Ulisses da cristandade, o episódio japonês (...) foi porque nele se pôs em causa **uma missão longo tempo envenenada pelo espírito da cruzada**, de guerra santa e de exclusão maciça, para se abrir sobre o seu oposto: a descoberta de uma humanidade cuja civilização já não se trata de negar mas sim de descobrir pela permuta activa e a reciprocidade. É já o início da concepção antropológica que fará a verdadeira glória dos jesuítas, desde Ricci e Nobili na China e na Índia, até aos pioneiros na América Latina e a Pierre Charles em África.”<sup>2</sup>*

É difícil estabelecer com precisão onde terminaria o espírito cruzadista dos jesuítas no contato com outras culturas até então desconhecidas – se é que houve realmente tal espírito – e o início de uma mentalidade mais “antropológica”. O método jesuíta, se podemos nos expressar desta forma, foi sendo construído no curso de sua ação, como podemos inferir das cartas de Francisco Xavier.

Esta reflexão é importante porque sempre se viu a Companhia de Jesus como uma criação da Igreja Católica para combater as heresias e os infiéis. Sabemos que a Companhia foi criada por quadros não pertencentes à cúpula romana, papal, e que seria uma explicação muito simplista, para não dizer grosseira, ver Loyola como mais um dentre tantos cruzados e contra-reformistas.

A Companhia de Jesus não foi idealizada pelos seus fundadores para combater a Reforma. “(...) à medida que a Companhia crescia, a oposição à heresia era precisamente o que muitos jesuítas viriam a praticar durante suas carreiras. Entretanto, ainda em 1540 Loyola e seus primeiros companheiros não estavam especialmente interessados em liderar os encargos da Contra-reforma. Não viam a desordem das duas décadas anteriores em termos estritamente doutrinários, mas sim como sintoma de mal-estar e crise moral generalizados. Visavam a uma renovação espiritual, uma purificação das almas, queriam corrigir a ignorância da doutrina, um expurgo dos pecados e da superstição. **A espiritualidade que adotaram não foi concebida como resposta à heresia protestante**, estava firmemente enraizada na tradição medieval da devotia moderna. [§] Durante as décadas seguintes, a maior parte do tempo seria gasta em pregações e catecismos para os rebanhos espanhóis e italianos que não estavam sob nenhuma ameaça iminente de serem contaminados pelo protestantismo, mas que, aos olhos dos jesuítas, careciam de aulas sobre a diferença entre a virtude e o vício, além de precisarem aprender que jogo e touradas não eram atividades apropriadas para cristãos de bem. Se você por acaso fosse um jesuíta na Espanha, seria bastante improvável que expressasse o mínimo interesse em se dirigir para a Alemanha para se engalfinhar com os hereges.”<sup>3</sup>

## AS CONTRADIÇÕES ENTRE A COMPANHIA E O PROJETO MERCANTILISTA

*“Não conhecemos todas as evoluções da consciência de Francisco Xavier, nem sequer quando, justamente, a horrível ambigüidade da situação se lhe impôs. Mas possuímos várias cartas onde explode a sua indignação quando compreende que serve de caução respeitada ao*

---

<sup>2</sup> LACOUTURE, Jean. *Os Jesuítas 1. A Conquista*. Estampa, Lisboa, 1993, p. 149, grifo nosso. “O manifesto desta subversão radical da missão de Francisco Xavier é a carta escrita em 20 de janeiro de 1548 aos seus <<companheiros que viviam em Roma>> e principalmente àquele a quem chama <<o meu verdadeiro pai no coração do Cristo>>, Inácio de Loyola – essa carta onde o espírito do conhecimento se substitui finalmente ao espírito de conquista e onde surge, no mais forte sentido da palavra, um novo homem.” Idem.

<sup>3</sup> WRIGHT, Jonathan, *OS JESUÍTAS – MISSÕES, MITOS E HISTÓRIAS*, Relume, Rio de Janeiro, 2006, p. 32, grifo nosso.

*formidável empreendimento de rapina que é a colonização portuguesa desses tempos e, mais profundamente, a incompatibilidade absoluta entre a lição evangélica e a conquista européia.*”<sup>4</sup>

Vejamos uma carta de Francisco Xavier ao rei de Portugal João III datada em 12.04.1549:

*“A experiência ensinou-me que Vossa Alteza não exerce o seu poder na Índia unicamente para aqui acrescentar a fé do Cristo: exerce também o seu poder para se apoderar e para possuir as riquezas temporais da Índia [...] Que Vossa Majestade deite contas exactas e completas a todos os frutos e todos os bens temporais que recolhe das Índias pela graça de Deus [...]. Que Nosso Senhor faça sentir a Vossa Alteza, no íntimo da sua alma, a sua mui santa vontade e que lhe dê a sua graça para a cumprir, de maneira que Vossa Alteza rejubilará, à hora da morte, por o ter feito, quando V. A. estiver prestes a dar contas a Deus de toda a sua vida passada; e essa hora chegará mais cedo do que pensa Vossa Alteza. Os seus reinos e os seus bens têm um fim [...]. E será uma coisa nunca vista nem nunca acontecida a Vossa Alteza ver-se desapossado deles...”*<sup>5</sup>

Não por acaso serem o *padroado* e o *patronato* instituições aceitas pela força das circunstâncias mas quase que insuportáveis para os jesuítas. A preocupação que vai tomando conta de muitos jesuítas é a de desvincular a colonização da catequese, ou seja, deixar o máximo possível claro que o Estado era uma coisa e a Companhia era outra completamente diferente. Não foram poucos os missionários que foram trucidados por serem vistos como cúmplices das atrocidades cometidas pelo colonizador.<sup>6</sup>

*“O relacionamento entre a Companhia e as autoridades imperiais na Ásia e nas Américas estava, entretanto, longe de ser perfeito, e o relacionamento entre a Companhia, mercadores independentes e aventureiros era pior ainda. Os jesuítas eram facilmente vistos como constituintes de uma fonte alternativa de poder e influência no Novo Mundo, uma percepção que representaria uma contribuição enorme aos ataques fatais à Companhia no século XVIII.”*<sup>7</sup>

## RAZÕES DO ÓDIO À COMPANHIA DE JESUS

*“Mas então, o que foi feito da Companhia que seguimos passo a passo, de Paris à Flandres e a Pequim, de Coimbra a Yamaguchi, de Tonquim aos palácios romanos, ousada na abnegação, inventiva na adaptação, aventureira mas animada por uma forte convicção apostólica – para ser mais denunciada como uma cloaca de imoralidade, toda ela votada à prostituição da fé e dos costumes e à tortuosa confiscação de todos os poderes da Igreja e do Estado, senão o dinheiro; e para que este requisitório suscite os aplausos de muita gente boa encantada por ser testemunha de um psicodrama onde o jesuitismo representa o vício com tanta evidência como o jansenismo representa a virtude?”*<sup>8</sup> É o que nos pergunta Lacouture.

---

<sup>4</sup> Idem, p. 146, grifo nosso.

<sup>5</sup> Ibidem,

<sup>6</sup> “Havia, entretanto, muitas vantagens a ser extraídas do império. Os jesuítas exploravam com habilidade o assombro e o medo que dominava os invasores europeus, assim como descaradamente douravam a pílula da conversão com promessas de acesso a alianças européias militares ou mercantis.” WRIGHT, Jonathan, op. cit., p. 111. No entanto, mesmo quando não havia tais vantagens, os jesuítas prosseguiram na sua aventura. “Quando jesuítas iam para Agra, Pequim, ou bem fundo no coração do território dos iroqueses, ficavam isolados e vulneráveis.” Idem, p. 110.

<sup>7</sup> Idem, p. 114.

<sup>8</sup> Ibidem, pp. 360-361.

Poderíamos tentar classificar todos os ódios à Companhia mas seria por demais trabalhoso (foram muitos e variados) para apresentá-los a tempo. Seguramente, havia os de natureza econômica, indiscutivelmente presentes nas coroas portuguesa e espanhola nos conflitos pela disputa pela mão-de-obra indígena na América do Sul. Eram odiados ao extremo pelos colonos, e o tratamento que tiveram quando expulsos de lá dispensa dúvidas e comentários. Havia os de natureza política, pois a Companhia sempre resistiu aos “patronatos” diversos inclusive resistindo – desde sempre – ao repasse do dízimo às coroas. Também podemos citar os de natureza ideológica (o dos iluministas como Voltaire), os de natureza teológica (os jansenianos que não aceitavam o livre-arbítrio defendido pelos jesuítas, favoráveis à predestinação; faziam coro com os protestantes). Também havia aqueles ligados a disputas entre as ordens regulares (sobretudo os dominicanos) pelas atenções do Papa dentre outros motivos, mas também o olhar sempre desconfiado do clero secular.<sup>9</sup>

## A COMPANHIA DE JESUS E A LAICIZAÇÃO DOS ESTADOS – IGREJA X ESTADOS

*“Tu consideraste minha humildade como medo e desde então não temeste revoltar-se contra o poder real que recebi de Deus e ousaste ameaçar tirá-lo, como se tivéssemos recebido a Realeza de ti, como se o Reino e o Império estivessem em tuas mãos e não nas de Deus. Foi Nosso Senhor Jesus Cristo que nos chamou a reinar. Ele não te chamou ao sacerdócio. Porque tu escalaste os degraus: pela astúcia (...) obtiveste o dinheiro; pelo dinheiro, o favor; pelo favor, as armas; pelas armas, o trono da Paz (...) Assim (...) pelo julgamento de todos os nossos Bispos e pelo nosso, retira-te, abandona a sé apostólica usurpada, que outro ascenda à Sé de São Pedro (...)”.* Carta de Henrique IV ao papa Gregório VII, em 27.03.1076.

A resposta da Igreja foi a excomunhão do imperador. Henrique IV é obrigado então a engolir o seu orgulho na *Humilhação de Canossa*: durante três dias, sob frio intenso, descalço e vestido de penitente, suplicou o perdão pontifical, sendo absolvido pelo mesmo papa em 1077.

Mas, como nos ensina a História, tudo muda...

*“Nos anos posteriores a 1773, numa variedade de países, núncios papais seriam expulsos com mais freqüência do que nunca, monastérios (ricas fontes de riqueza e mão de obra) seriam dissolvidos, o Estado procuraria ter mais controle sobre a educação, casamentos civis seriam introduzidos e os contatos entre os padres locais e Roma seriam mais rigorosamente monitorados. [§] Até mesmo os próprios papas pareciam estar perdendo algo de sua grandeza anterior. Ainda no século XI um imperador alemão, encurralado por questões políticas, havia decidido ir ao encontro do papa. Passou três dias do lado de fora dos portões do castelo em Canossa, vestido como penitente e chorando. Em 1782, foi o papa quem teve de realizar a viagem, a Viena, na esperança de amenizar as reformas eclesiásticas de José II. Seus conselhos nem chegaram a ser considerados, ele foi tratado com um desrespeito ultrajante pelo ministro Wenzel Kaunitz, e o imperador suprimiu descaradamente um mosteiro depois de apenas uma hora da partida do pontífice para Roma. Tudo estava muito distante do ano de 1076, muito distante do castelo em Canossa. **E a supressão dos jesuítas, uma ação relutante de um papa pressionado, havia sido uma parada ao longo do caminho.**”<sup>10</sup>*

A sobrevivência da Igreja controlada pelo papado estava em perigo. *“Bem cedo, numa manhã sufocada por neblina, no dia 6 de maio de 1527, tropas do exército imperial de Carlos V deram início ao seu desastrado ataque a Roma. (...) Rapidamente, relatos fidedignos de*

<sup>9</sup> A classificação do clero em regular e secular é problemática no caso dos jesuítas. Houve quem propusesse o termo “ordem hermafrodita”.

<sup>10</sup> WRIGHT, Jonathan, op. cit., p. 212, grifo nosso.

*destruição de oficinas, iconoclastia e roubos se fundiram com histórias ainda mais horripilantes de tortura, mutilações e estupro em série. Por toda a Europa, ao longo de várias gerações, seriam relatadas histórias de hospitais inteiros e orfanatos esvaziados e seus ocupantes desamparados afogados nas águas sanguinolentas do rio Tibre. [§] Importante mesmo, entretanto, foi o simbolismo. Roma, o lugar que representava a plenitude papal, a grandeza da renascença italiana para a Igreja Católica Romana havia, segundo um observador, se transformado no cadáver de uma cidade. O embaixador veneziano declarou que nem mesmo o próprio inferno poderia oferecer uma visão tão infeliz. Em 1527, uma década depois das primeiras manifestações da Reforma, ainda havia esperança de que o cisma pudesse ser evitado e os cismáticos, reconciliados. Mas a visão de uma Roma arruinada e saqueada, um papa refugiado no Castelo de Sant'Angelo, era uma eloqüente lembrança do quanto havia mudado desde a revolução de Martinho Lutero em Wittenberg (...). Semanas anárquicas, que melhor podem ser atribuídas às brigas de reis extremamente católicos, conseguiram sintetizar **a recém-descoberta fragilidade da cristandade.**”<sup>11</sup>*

No tempo das monarquias feudais, ou seja, no auge do feudalismo, cuja característica política é a descentralização do poder, era a Igreja quem mandava. A *Humilhação de Canossa* não deixa dúvidas.

Com a chamada crise do século XIV, verifica-se na Europa uma aceleração no processo de transição das monarquias feudais para Estados nacionais. É época em que reis se aliam à burguesia para submeterem os demais senhores feudais, esmagar rebeliões camponesas e impor limites às aspirações “internacionalistas” do poderio papal. A Igreja Católica nunca mais seria a mesma... *Descobriram a sua fragilidade...*

*“O direito de vigilância do clero sobre o poder vai diluir-se ao longo do século XVI, de Francisco I a Richelieu. A súbita contestação da autoridade do papa só pode aligeirar o peso dos preceitos de que ele é suposto ser o garante. O próprio Francisco I, católico suficientemente ardente para ter mandado para a fogueira inúmeros <<hereges>> escuta daí em diante outras vozes diferentes das que vêm de Roma. E o clero galicano, humanista ou não, vê esboroar-se alguma da sua hegemonia. O livre exame abre caminho nas consciências, em todas as consciências. A laicização da monarquia anda a par com a sua exaltação totalitária. O princípio do Estado absoluto tende para a auto-sacralização (...). O soberano ainda não faz o gesto de Napoleão ao tirar a coroa das mãos de Pio VII para a colocar ele próprio sobre a cabeça: mas quem poderá dizer que nenhum dos Bourbons pensou nisso? [§] A partir de Luís XIII, um <<leito de justiça>> precedendo a sagração assegura a legitimidade real. À sacralidade política acrescenta-se à religiosa. Daí em diante, o domínio do religioso sobre o político não passará de uma saudade ou de um esgrimir de todos os instantes. Chegou a hora dos jesuítas. Mas o seu combate mais não será do que um retardamento.”<sup>12</sup>*

E nessa conjuntura, Claudio Aquaviva, quarto sucessor de Loyola, assim orientava os confessores jesuítas dos reis: “É dever do soberano escutar (...) com paciência tudo o que o confessor se julgar obrigado a sugerir-lhe (...) pois convém que na sua relação com o homem público e o Príncipe, o Padre tenha a liberdade de expor com uma franqueza religiosa tudo o que achar dever contribuir para o serviço de Deus e do próprio Príncipe. Aqui não se trata só do que o Príncipe lhe dará a conhecer na qualidade de penitente **mas também dos outros abusos dignos de repressão de que quiser falar. Assim impedirá as opressões e diminuirá os escândalos que se cometem por vezes por culpa dos ministros. Aliás, mesmo quando esses**

<sup>11</sup> Idem, pp. 22-23, grifo nosso.

<sup>12</sup> LACOUTURE, Jean, op. cit., p. 403, grifo nosso.

**casos acontecerem com o desconhecimento e contra a vontade do Príncipe, este não é menos responsável em consciência e é obrigado a providenciar.”<sup>13</sup>**

Não é difícil imaginar o descontentamento de reis e príncipes ao serem repreendidos por seus “escândalos” por seus próprios confessores...

*“A condenação à morte da Companhia de Jesus, por quatro monarquias católicas europeias e o papado, é um dos episódios mais desconcertantes do século das Luzes. Manifesta ao mesmo tempo eficácia estratégica à escala europeia do partido <<filosófico>> e a vocação suicida de poderes absolutos que impuseram uns aos outros um gesto sacrificial precipitando a grande provocação que, vinte anos depois, os destruirá ou os abalará para sempre.*

(...)

***Mas é noutro facto que se deve procurar a causa principal da destruição da Companhia: na formação, aqui e ali, do Estado nacional moderno.***

*A Companhia fundada por Loyola nasce numa Europa dominada pelo espírito romano e germânico do <<império>>, onde o senhor das terras e dos espíritos (essas <<duas metades de Deus>>) tentam manter ainda por algum tempo uma hegemonia comum indiferente às fronteiras, ainda que Francisco I, Henrique VIII e os príncipes protestantes se dediquem a agitar nos seus países bandeiras que a Sociedade de Jesus, **internacionalista na sua essência**, tenta não ver. Papista? Claro. Mas sobretudo europeia. Inácio sente-se espanhol? Nunca se porta como tal, em todo o caso, mesmo com Felipe II ou com a infanta Joana. Laynes, bem castelhano que é, nunca mistura este dado com o tratamento dos problemas. E não são os huguenotes franceses mas os luteranos alemães que Pierre Favre se esforça por reconduzir ao catolicismo.*

*No século XVII nasce das mãos de Richelieu, de Mazarin e de Luís XIV o Estado nacional centralizado, burocrático. **Operou-se a secularização do poder.** (...) **A Companhia de Jesus depara por toda a parte com ferrolhos nacionais.***

(...)

*Parece então mais do que evidente a incompatibilidade entre o <<romanismo da Companhia e a afirmação nascente do nacionalismo soberano, não só em França mas também em Portugal e em Espanha, e até na Áustria de José II.*

(...)

*(...) O novo tipo de Estado autoritário revela-se alérgico a qualquer empreendimento transnacional, quer ele colidisse com os seus interesses directos, como os jesuítas na América hispano-portuguesa, ou simplesmente com o funcionamento do maquinismo social e cultural, como a Sociedade em França. **A chave do problema não é <<filosófica>>, é política.**”<sup>14</sup>*

Veremos isso ao examinarmos, a seguir, a relação muito tranqüila do pensamento jesuítico e o Iluminismo.

No processo de formação dos Estados nacionais modernos, a Companhia de Jesus entra em conflito com eles dado o seu internacionalismo. Não aceita a “submissão nacional”. Ademais, portava um projeto, como vimos, nada parecido com o que se convencionou chamar mercantilismo, que embora não se tratasse de um corpo teórico fechado (muito longe disso), não se pode dizer que não representava práticas que variavam de nação para nação, ou seja, “nacionalista”.

## OS JESUÍTAS E O ILUMINISMO

<sup>13</sup> Idem, p. 405, grifo nosso.

<sup>14</sup> Ibidem, pp. 479-482, grifos nossos.

(...) os jesuítas do tempo da Enciclopédia (...) são portadores de uma mensagem muito mais próxima da dos <<filósofos>> e do mundo erudito do que dos seus adversários mais obstinados, os jansenistas de Paris e os esbirros de Lisboa. Numa obra recente, René Pillorget destaca o caráter <<deísta>> do ensino jesuíta do século XVIII<sup>(...)</sup>. Baseando-se em pesquisas do seu colega Jean de Viguierie, faz notar que a maioria dos <<filósofos>> é formada pelos colégios dos <<pais>>, onde se destacam as lições de Malebranche ou do Padre Mersenne, das quais se infere uma religião <<natural>> que pouco deve à Revelação.”<sup>15</sup>

“Em primeiro lugar, a noção de um movimento unificado do Iluminismo de ódio aos padres, à la française, presta um grande desserviço à rica variedade de “iluminismos” nacionais, muitos dos quais não podem ser pensados de maneira sensata como anticlericais. Além disso, a vasta maioria da população europeia permaneceu indiferente às idéias da moda que circulavam pelos salões parisienses e vienenses, ou mesmo não tomou conhecimento delas, e se manteve firmemente enraizada a uma noção de um Deus providencial e intervencionista. (...) [§] Mais fundamentalmente, fosse o que fosse o Iluminismo, não é válido interpretá-lo como representante de um século XVIII definido como um perfeito cisma entre o racionalismo de vanguarda e uma fé religiosa moribunda. Estudos recentes lembram-nos de forma proveitosa de que todos esses philosophes que tinham ódio ao clero (alguns dos quais vinham a ser philosophes que participavam do sacramento) compartilhavam uma visão de mundo, uma fonte de imagística e retórica e um método intelectual muito influenciado por um passado cristão (...). Enquanto isso, muitos clérigos (às vezes alguns jesuítas incluídos) defendiam fervorosamente as tão afamadas teorias de Newton, Wolff ou Leibniz e estavam felizes em empregar as obsessões filosóficas e científicas de sua era e em defender e revitalizar a cristandade. [§] Os jesuítas, é claro, valorizavam um iluminismo da fé (em última análise, como há muito havia dito Juan Polanco, “uma luz melhor do que a razão humana”) e recuavam num excesso de confiança nas faculdades racionais do homem<sup>(...)</sup>. (...) O abismo entre o que os jesuítas e o Iluminismo supostamente defendiam pode ser exagerado com facilidade, o que nos leva de volta afinal àqueles dois tipos de luz: a luz da razão e a luz da fé, a era do Iluminismo representando uma e os jesuítas representando a outra: inimigos implacáveis. Uma dicotomia perfeita, certamente, mas com uma orientação meio equivocada.”<sup>16</sup>

**“Com todas as diferenças entre a perspectiva da Companhia e a inclinação anticlerical de algumas figuras do Iluminismo, suas visões de mundo às vezes podiam ser incrivelmente similares. Uma visão otimista das capacidades da humanidade, uma ênfase vigorosa no livre-arbítrio dos homens, uma fé inabalável no poder transformador da educação: tais características são freqüentemente apresentadas como um resumo do projeto do Iluminismo, mas também lembram muito o dos jesuítas.”<sup>17</sup>**

## EXPULSÃO

Portugal: “Em fevereiro de 1759, todos os jesuítas da capital estavam limitados a apenas três de suas casas e a venda de excedentes de alimentos e equipamentos de cozinha começou.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 480.

<sup>16</sup> WRIGHT, Jonathan, op. cit., pp. 191-192.

<sup>17</sup> Idem, p. 193. “De fato, os jesuítas faziam parte da mesma cultura que os destruiu. E o que era ainda mais importante, haviam ajudado a criar essa cultura. Sua supressão, nesse esquema, parece-me bastante com um patricídio por mais imprevisível e ocasionalmente inacessível que o pai possa ter se tornado. Se a pessoa, entretanto, acredita nesse tipo de coisa, filhos ingratos virando-se contra pais enfraquecidos, imaginando, com a impetuosa confiança da juventude, que estavam fazendo coisas novas e melhores, não se trata da imagem mais ridícula de desenvolvimento histórico.” Ibidem, pp. 193-194.

*Em abril toda a Companhia foi formalmente banida de Portugal e em setembro os primeiros navios começaram a deixar Lisboa em busca de refúgio nos Estados papais, onde a primeira carga de padres, homens denunciados como rebeldes contra a coroa portuguesa, chegaria em 24 de outubro. Ao todo, aproximadamente 1.100 jesuítas seriam banidos e outros 250 seriam encaminhados para as prisões de Pombal. Nos meses e anos seguintes, a onda de choque se deslocaria pelo mundo, à medida que os padres jesuítas foram sendo expulsos das possessões portuguesas de ultramar.”<sup>18</sup>*

*França: “Em novembro de 1764, um édito de um rei relutante dissolveria a Companhia, não apenas dentro da jurisdição do Parlamento de Paris, mas por todo o reino. Diferente do que havia acontecido em Portugal, antigos membros da Companhia foram autorizados a permanecer na França.”<sup>19</sup>*

*Espanha: “Em março de 1766, a população de Madri se rebelou. Os preços estavam altos, as colheitas haviam sido ruins (...). [§] Uma vez a situação controlada pelo conde de Aranda (muito ao estilo do marquês de Pombal ou do duque de Choiseul na França), começaram a circular rumores tipicamente ridículos dando conta de que os jesuítas (quem mais) teriam estado por trás dos distúrbios, profetizando a morte do rei e usando suas tipografias secretas para satirizar a situação política (...). [§] O Conselho Extraordinário de Castela foi encarregado de investigar reclamações contra a Companhia e, em 29 de janeiro de 1767, posicionou-se contra a ordem. Cópias do édito de banimento (produzidas por tipógrafos vigiados por guardas armados) circularam e na noite de 21 de março, sem que qualquer aviso fosse dado, as seis casas jesuítas em Madri foram invadidas por tropas. Aos residentes foi permitido saírem apenas com a roupa do corpo, com seus breviários e qualquer rapé, chocolate e trocado que por acaso tivessem.<sup>(...)</sup> Todos os coches e carruagens disponíveis da capital foram requisitados e na manhã seguinte os padres e irmãos que foram presos começaram sua viagem para o exílio, em direção ao porto de Cartagena. Colégios jesuítas em toda a Espanha foram então vistoriados e ordens foram enviadas às colônias, alcançando Buenos Aires no começo de junho. Um total de 2.267 jesuítas foram então despachados para a Europa.”<sup>20</sup>*

## **O TIRO DE MISERICÓRDIA**

*“O obstáculo final foi removido e o documento da supressão, preparado sob a firme influência do embaixador espanhol José Moñino y Redondo, foi apresentado. Com o breve papal Dominus ac Redemptor – um documento curioso que não faz nenhuma acusação específica aos jesuítas, mas alega que a remoção deles é necessária pelo bem da paz cristã – a Companhia de Jesus foi destruída. (...) [§] Em 16 de agosto de 1773, o breve foi lido para o superior geral da Companhia, Lorenzo Ricci, que no final de setembro definhava na prisão papal do castelo de Sant’Angelo.”<sup>21</sup>*

## **BIBLIOGRAFIA**

- LACOUTURE, Jean, *OS JESUÍTAS – 1. A CONQUISTA*, Editora Estampa, Lisboa, 1993.
- WRIGHT, Jonathan, *OS JESUÍTAS. MISSÕES, MITOS E HISTÓRIAS*, editora Relume Dumará, 2006.

---

<sup>18</sup> Ibidem, p. 182.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 185.

<sup>20</sup> Ibidem, pp. 185-186.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 188.